

A banana como tema de reflexão em oficinas socioambientais – Ação 3

Aline Vicentin, Anna Karolina Osório Pimentel (IC)¹, Daniele Gomes Bispo (IC)¹, Larissa Jurado(IC)¹, Rafaella M. Ayllón(IC)¹, Sheyla Pulido Barroso (IC)¹, Luciana A.Farias (PQ)¹.
email: lasantana17@gmail.com

¹Universidade Federal de São Paulo, Diadema, SP

Palavras Chave: Bananas, Educação Ambiental, Meio Ambiente.

Resumo: As oficinas como temática sócioambiental podem se constituir um importante processo de sensibilização e conhecimento da problemática em questão, que neste trabalho aborda a Ação 3 de um projeto global socioambiental, interdisciplinar e significativo a partir do tema “banana”. Foi realizada uma atividade de caráter naturalístico-qualitativo que teve como finalidade analisar as sensações vivenciadas e percepções ambientais obtidas em uma Trilha Perceptiva por jovens entre 13 a 15 anos em vulnerabilidade socioambiental, os quais participam das atividades de Educação Ambiental de uma ONG (Organização Não Governamental) da cidade de Diadema.

Introdução

O papel que a educação teria na resolução da problemática ambiental vem sendo debatido desde as primeiras conferências mundiais a respeito do tema, ganhando inclusive o adjetivo “ambiental” para destacar a importância da questão. Sendo que Educação Ambiental (EA), segundo documento produzido na Conferência Sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária – Chosica/Peru em 1976, define a mesma conforme segue:

“A educação ambiental é a ação educativa permanente pela qual a comunidade educativa tem a tomada de consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas derivados de ditas relações e suas causas profundas. Ela desenvolve, mediante uma prática que vincula o educando com a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido a transformação superadora dessa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as habilidades e atitudes necessárias para dita transformação.”
(Conferência Sub-regional de Educação Ambiental para a Educação Secundária – Chosica/Peru 1976.)

Evidenciando que a mesma deve promover a aquisição de valores ambientais, não somente pelo acúmulo de informações, mas principalmente pela aprendizagem ativa, entendida como construção de novos sentidos para a vida. Todavia, desde o seu surgimento o entendimento do que vem a ser EA está em constante mudança e atualmente é um conceito polissêmico e em processo de transformação. E Segundo Sauvé (2005) existem quinze correntes de pensamento e atuação da EA, desde as mais antigas, concebidas a partir da década de 1970, até as atuais. Sendo que dentre suas vertentes, destaca-se no presente trabalho a Educação Ambiental Complexa (EAC), a qual sugere o autoconhecimento, a sensibilização, e a ação ambiental buscando um desenvolvimento que considere a qualidade de vida integral, em detrimento da variável econômica. (REDES, 2011).

Dentro dessa perspectiva, podemos entender que as diferentes atitudes frente à problemática ambiental decorrem das diferentes perspectivas utilizadas para se estudar a questão. Diferenças as quais são reveladoras de diferentes representações a respeito do meio ambiente. Nesse sentido, diz Raynaut (2004, citado por CORONA, 2006), “*é preciso reconhecer que o conceito “meio ambiente” diz respeito, em primeiro lugar, à relação homem e o meio físico e biótico e, em segundo, que é uma noção multicêntrica*”. Isso porque, ela se aplica aos diferentes olhares dos especialistas, com diferentes escalas de espaço e tempo, com vários níveis de organização, entre outros aspectos. Redclift (1995, citado por HOEFFEL e col, 2008) enfatiza ao analisar a maneira como a ciência, como uma produção cultural, origina representações sobre o meio ambiente. Para o autor, “avaliações ambientais” são orientadas por uma série de compromissos sociais e estas avaliações são utilizadas para se alcançar metas sociais específicas. Desta forma, por exemplo, ao discutirmos os problemas ambientais, não estamos nos referindo apenas a eles, mas sobre seus papéis dentro de um contexto social, muitas vezes influenciado por uma concepção econômica, política ou ambiental dominante (HOEFFEL e col., 2008). E ainda segundo o mesmo autor, o entendimento destas distintas representações sobre o meio ambiente torna-se, assim, importante na resolução de conflitos que envolvem o planejamento ambiental e a utilização de recursos naturais. Sendo assim, “*é de grande importância a pesquisa e a caracterização de representações sobre o meio ambiente existentes dentro de um mesmo modelo cultural, de forma a auxiliar a elaboração de propostas educativas e de políticas ambientais que auxiliem na construção de sociedades sustentáveis*” (HOEFFEL e col, 2008).

Por outro lado, representações a respeito da temática ambiental decorrem inicialmente de percepções individuais, as quais chamaremos de percepções ambientais, sendo posteriormente compartilhadas dentro de um determinado grupo social. Hoeffel e Fadini (2007) conceituam percepção ambiental como um processo ou atividade envolvendo organismo e ambiente, sendo influenciada pelos órgãos dos sentidos, como sensação ou cognição. Porém, para Marin e Oliveira (2005) “*a percepção ambiental é profundamente marcada pelas vias não-rationais do ser humano que vê a natureza e o lugar habitado não só com os sentidos e a razão, mas com afetividade, nostalgia e sensibilidade estética*”. Marin e col. (2003) mostram que a percepção na busca da apreensão da realidade não pode ser apenas pelas vias racionalistas embasadas somente em características conceituais. Há que se ter a noção de que existe o risco permanente de se realizar uma apreensão simplista do fenômeno perceptivo que poderá levar o pesquisador a um entendimento reducionista dos fenômenos.

Nesse sentido, é possível antever que para entender essa questão são inúmeras as linhas de pensamento sobre a percepção humana que podem ser adotadas, mas é consenso em todas elas que estudos que envolvem a percepção ambiental são de fundamental importância no desenvolvimento e implantação de projeto de EA.

Dentro dessa perspectiva, o objetivo do presente trabalho foi analisar as sensações vivenciadas e percepções ambientais obtidas em uma Trilha Perceptiva por jovens entre 13 a 15 anos em vulnerabilidade socioambiental, os quais participam das atividades de EA de uma ONG (Organização Não Governamental) da cidade de Diadema.

Percurso Metodológico

O presente trabalho faz parte de um projeto global cujo principal objetivo era desenvolver e aplicar uma abordagem socioambiental, interdisciplinar e significativa utilizando diferentes recursos didáticos, a partir do tema “banana”. Esse projeto foi subdividido em três ações denominadas Ação 1, Ação 2 e Ação 3. Cada qual com seu objetivo definido e tendo um grupo responsável para sua organização. A Ação 1 objetivava introduzir o tema para os estudantes, como por exemplo a origem da banana, características, espécies, cultivo, entre outros. A Ação 2, dando sequência à temática, abordava aspectos nutricionais, científicos e aplicações. E a Ação 3, objeto do presente trabalho, cujo objetivo era incentivar a percepção ambiental do entorno, de modo a proporcionar aos estudantes a reflexão sobre a melhor área para plantio de uma bananeira e, saber reconhecê-la, além de refletirem a respeito do entorno ambiental da região.

O projeto global foi desenvolvido a partir de uma abordagem naturalístico-qualitativa, pois segundo El Andaloussi (2004) os seres humanos são muito complexos para serem reduzidos ao estado de objeto, haja vista que não podem ser observados sem deixar influenciar. Além do fato de não ser possível isolá-los sem perda de sentido e de coerência em relação ao seu contexto original. E de acordo com Ludke & André (1986) os trabalhos de natureza qualitativas vem se apresentando como alternativa viável para as pesquisas em educação, o que a torna viável também para a pesquisas em EA.

Segundo Gehlen e col. (2014) é importante a promoção de saberes capazes de auxiliar na conservação e preservação do meio ambiente com o apoio das Universidades Federais, por meio do incentivo as extensões universitárias, que devem contar com programas e projetos que viabilizem a retomada do contato da universidade com a sociedade e com isso trabalhar as questões ambientais. Nesse sentido, o presente projeto foi desenvolvido a partir de um projeto de extensão de Consumo Sustentável, do grupo Quimicando com a Ciência (<http://quimicandocomciencia.blog.br/>).

A idealização do projeto surgiu após uma Educadora Ambiental da ONG Espaço Cultural Beija-Flor perceber que em viagem anual que os estudantes fazem à cidade de Itanhaém no litoral de São Paulo havia grande quantidade de bananeiras, bem como no entorno da instituição. Sendo um tema, portanto, interessante para introduzir reflexões a respeito da problemática ambiental.

As Ações ocorreram na ONG Espaço Cultural Beija-Flor, localizada no município de Diadema no bairro Eldorado. A região é de preservação ambiental e área de manancial mas com histórico de invasão e desmatamento. O que ocasionou grande impacto ambiental levando à vulnerabilidade socioambiental. (Figura 1).



Figura 1: Entorno da instituição localizada no município de Diadema.

A atividade adotada foi uma Trilha Perceptiva a qual estruturou-se de maneira que os participantes pudessem ao longo do percurso perceber os elementos naturais, particularmente as bananeiras, permeadas por elementos artificiais, tecnológicos e culturais, e as relações estabelecidas entre eles, com os outros e consigo mesmo, tendo como objetivos proporcionar diferentes interpretações sobre o meio ambiente. A etapa inicial da atividade foi uma reflexão à beira da represa onde instigou-se o primeiro contato perceptivo dos participantes com o entorno, visto diariamente porém nunca refletido.

Em sua pesquisa sobre percepção ambiental Melazo (2005) descreve que as sensações são estimuladas inicialmente por meio dos cinco sentidos humanos: visão, olfato, paladar, audição e tato. Com estes estímulos ocorre a formação das ideias e da compreensão do mundo que nos rodeia, norteados pela inteligência que possui cada indivíduo bem como de seus valores éticos, morais, culturais etc., que tornam assim o indivíduo capaz de pensar e agir sobre sua realidade. Dentro dessa perspectiva e a fim de que observassem a paisagem a sua volta os participantes foram colocados em círculo à beira da represa de modo que conseguissem perceber o meio ambiente onde estavam inseridos e responder questões como: fauna, flora, as mudanças causadas pelo homem, melhor lugar de plantio da bananeira, análise e definição de encostas, solo adequado ao plantio, questões socioambientais relacionadas a este plantio, utilização de agrotóxicos, certificação orgânica, o olhar agrológico sobre o plantio da banana, do cultivo à mesa, aspectos positivos do plantio de bananeiras (utilização para tratamento de água) e, após reflexão de forma crítica e perceptiva, realizou-se um “procura à bananeira”. Separou-se dois grupos e, após encontrar, fora descrito características que possibilitaram ou induziam ao encontro das mesmas.

Cada grupo teve um monitor da equipe do Quimicando com a Ciência responsável por conduzir a atividade. E dentro do entendimento, segundo alguns autores, que a EA seja planejada, realizada e avaliada, é necessário que se programe um mapeamento prévio da percepção ambiental que um determinado ator ou sujeito social possa ter (SCHWARZ, SEVEGNANI e ANDRÉ, 2007; MARIN, OLIVEIRA e COMAR, 2003). Dentro dessa perspectiva, foi montado um roteiro construído de forma que os elementos que o compõem pudesse favorecer a reflexão acerca do meio a partir do tema trabalhado (Figura 2).

No final da atividade os participantes foram reunidos novamente para uma reflexão final e responder o questionário de avaliação da atividade, contemplando as três ações ministradas.

ROTEIRO AÇÃO 3 – TRILHA PERCEPTIVA

Questão 1: O que vocês estão vendo?

(Neste momento ainda podemos trabalhar com os jovens dentro da ONG, colocar elas naquele espaço de frente para represa e pedir para elas fazerem a descrição, em seqüência subir a ladeira e na porta da ONG pedir para elas fazerem outra descrição.)

Respostas esperadas: Casas, represa, ruas, vegetação, animais, água, ...

Questão 2: A natureza normalmente coloca todos estes elementos juntos?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: Não, o meio ambiente apresenta um equilíbrio natural, que envolve a fauna e a flora. Porém, com a introdução do homem, a vegetação começou a ser suprimida, e algumas espécies passaram a ser mais abundantes, pois forneciam alimento, como por exemplo, a bananeira.

Questão 3: Mas a plantação de bananeira é possível em todos os lugares?

(Primeiro perguntar se os jovens conhecem alguma bananeira perto e se saberiam dizer onde encontra-la, em seqüência conduzir os jovens até uma bananeira e conduzir a discussão e revisão sobre algumas características da banana já apontadas nas outras apresentações.)

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

instituições públicas escolas e programas de governo devido o manejo sustentável da banana.

Questão 6: Vocês já viram que a folha da bananeira pode ser usada em artesanatos?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: O aproveitamento da palha de bananeira é comum em comunidades quilombolas, por exemplo no Vale do Ribeira- Estado de SP e Paraná, a confecção de artesanatos, como carteiras, descanso de panela, até mesmo bolsas são feitas a partir da análise da matéria-prima e capacitação das famílias locais. A atividade gera renda e contribui para a sustentabilidade ambiental destas comunidades.

Antes do artesanato, o resíduo da bananeira era descartado e se acumulava nos bananais, tornando-se um dos vetores para a dispersão de doenças. Hoje, os resíduos da bananeira são aproveitados para a produção do artesanato, ajudando a fortalecer o bananal, o que contribui para a qualidade ambiental local. Outro fato importante é que este tipo de artesanato com palha de bananeira ajuda na preservação do ambiente, considerando que se trata de uma fibra que substitui outras matérias-primas, usualmente utilizadas no artesanato e que são coletadas na mata (cipó, madeira, etc).

DO CULTIVO A SUA CASA

Questão 7: Pode ser plantando em qualquer época?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: Plantio: em qualquer época do ano, preferencialmente na época chuvosa ou logo após de períodos em que houve muita chuva, esse plantio é feito por meio de covas e deve respeitar um espaçamento que vai de 2 a 4 metros entre cada bananeira a depender de seu porte.

seguir, as pencas são lavadas no tanque contendo 1% de detergente doméstico. Armazenamento e venda ao consumidor: As bananas podem ser conservadas sob refrigeração pelo período de uma a três semanas. A falta de cuidados na fase de comercialização é responsável por aproximadamente 40% de perdas do total de banana produzida no Brasil. Quanto ao comércio, o maior percentual é realizado por feirantes, em quase todas as capitais dos estados e mesmo em muitas das maiores cidades do interior, mas também por sacolões, supermercados e redes atacadistas.

ASPECTOS POSITIVOS DO PLANTIO DE BANANEIRAS - UTILIZADA PARA TRATAMENTO DE ÁGUA

Quimicando contextualiza: BET- Bacia de Evapotranspiração - A Bacia de Evapotranspiração, conhecida popularmente como "fossa de bananeiras", é um sistema fechado de tratamento de água negra, aquela usada na descarga de sanitários convencionais. Este sistema não gera nenhum efluente e evita a poluição do solo, das águas superficiais e do lençol freático. Nele os resíduos humanos são transformados em nutrientes para plantas e a água só sai por evaporação, portanto completamente limpa. Método de tratamento da água negra (água usada na descarga) de sanitários convencionais, completamente seguro e natural, e que substitui as fossas sépticas e sumidouros. Circuito de Bananeiras - Método para tratar apenas a água cinza (águas usadas em pias, tanques, máquinas de lavar-roupa e chuveiros). Ele também beneficia a produção de bananas em escala humana.

DINÂMICA: GINCANA PARA ENCONTRAR A BANANEIRA

(Desafia-los a encontrar outra bananeira nas proximidades, deferente da anteriormente observada)

Questão 4: Olhando para a paisagem, você plantaria uma bananeira na encosta?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: Uma encosta é um local instável, e está propenso a deslizamentos. Um deslizamento depende do tipo de solo, declividade da encosta, e da quantidade de água que recebe. Pensando nos castelinhos de praia, agregamos a areia e quando a maré sobe, o castelo se desmancha, pois, muita água foi adicionada, paralelamente, temos a chuva, que quando atinge locais de encostas muito íngremes podem provocar o deslizamento.

Questão 5: Mas o que a bananeira tem a ver com tudo isso?

Resposta do Quimicando: Uma bananeira tem raízes curtas, ou seja, elas se fixam no solo, mas não muito profundamente, e são capazes de acumular água, o que torna o solo mais instável. Quando muitas bananeiras são plantadas em uma encosta o que pode acontecer? Em períodos de chuva intensa, as bananeiras podem tombar e prejudicar o que há ao pé da encosta, que podem ser até casas.

DISCUSSÃO SOBRE AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DE SE PLANTAR BANANEIRAS EM PEQUENA OU LARGA ESCALA (+ QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS):

Quimicando contextualiza: "O uso de agrotóxicos nas plantações era muito restrito, já que o alto custo dos insumos agrícolas e o baixo rendimento econômico, não apresentava uma relação custo/benefício atraente. Assim a opção pela adoção de um sistema produtivo com base na agroecologia e a procura pela certificação orgânica, partiu dos próprios produtores da comunidade que buscaram uma alternativa ao mercado tradicional, com

Questão 8: Essa planta deve ser irrigada para o seu desenvolvimento?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: Irrigação e desenvolvimento: em regiões úmidas o plantio deve ser irrigado a cada 18 dias enquanto nas regiões secas esse intervalo deve ser de 12 dias, sendo a quantidade de água necessária variável de acordo com a condição atmosférica do dia da irrigação, se ensolarado são necessários 30 litros para cada 14 metros quadrados de plantio, enquanto nos dias nublados apenas 15 litros são necessários.

Questão 9: Quando colher?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: A colheita pode ser feita quando a coloração do primeiro cacho for rósea ou 120 dias após o nascimento do chamado "coração".

Questão 10: Como colher?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: O corte é feito na região média entre o solo e o cacho e depois transportado para galpões de embalagem e despensamento por meio de cabos aéreos onde não devem ser empilhados.

Questão 11: Como essa banana chegam em suas casas?

Respostas esperadas: Espaço para resposta do grupo.

Resposta do Quimicando: Embalagem e processamento: Os cachos são dispostos lado a lado, suspensos em ganchos móveis embutidos em trilhos onde são despencados. A

DINÂMICA: GINCANA PARA ENCONTRAR A BANANEIRA

(Desafia-los a encontrar outra bananeira nas proximidades, deferente da anteriormente observada)

Separá-los em dois grupos, e explicar o objetivo: encontrar a bananeira;

Durante o jogo, os grupos podem pedir dicas, que vão ajudá-los a encontrar a bananeira; Porém, as dicas são dadas mediante acerto de perguntas relacionadas os tópicos anteriores (acredito que as perguntas possam ser desenvolvidas depois, quando terminarmos o documento);

Quando um dos grupos encontrar a bananeira, o jogo acaba.

RETORNO PARA O ESPAÇO DA ONG

REFLEXÃO FINAL (bananinhas para todos - doce)

APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Informações disponível em:

http://www.itapevi.sp.gov.br/noticias/Novo/sec_seguranca/deslizamentos.php
<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Banana/BananeiraIrrigada/plantio.htm>
<http://www.setelombas.com.br/2010/10/bacia-de-evapotranspiracao-bet/>
<http://www.setelombas.com.br/2006/10/circulo-de-bananeiras/>
<http://www.unifal-mg.edu.br/simggeo/system/files/anexos/Nathan%20Pereira%20Dourado.pdf>
<http://www.quilombosdoribeira.org.br/quem-somos>



(Levar essa imagem impressa.)

Nessa região está um dos maiores pedaços contínuos da mata atlântica e reúne uma grande biodiversidade ao mesmo tempo em que possui um dos piores indicadores sociais do Estado de São Paulo. A comunidade quilombola *Itaporunda* é uma das mais antigas no local, desde aproximadamente 1630 e reúne 100 famílias em um total de 400 habitantes, tendo o cultivo da banana tornado-se sua principal atividade econômica desde 1980. Esse fato é importante, pois a comunidade tem sido procurada por prefeituras, programas sociais interessados no fornecimento de suas bananas para as merendas escolares e

custos de produção elevado e o baixo valor agregado, assim como a preocupação com a baixa conservação dos recursos naturais e a exposição aos agrotóxicos e adubos químicos. Como a maioria das práticas de manejo são possíveis de executar com trabalho manual, os tratos culturais desde o plantio até a colheita são realizados sem a utilização de implementos agrícolas de grande porte, como grades, arados e roçadeiras. O uso de equipamentos motorizados restringe-se ao transporte da produção e a climatização das frutas. Isso gera independência de externalidades da agricultura industrializada, reduzindo os impactos ambientais.

Além de diminuir a demanda por energia e insumos externos, os tratos culturais no cultivo de banana, passaram a ter uma preocupação maior com o equilíbrio ecológico, como exemplo, podemos citar a manutenção permanente da cobertura vegetal, como medida de conservação do solo, pois repõe nutrientes ao solo, a partir da decomposição da matéria orgânica, e mantém a capacidade produtiva do solo, além de evitar a erosão e a evaporação. UM OLHAR AGROECOLÓGICO SOBRE A PRODUÇÃO DE BANANA NO QUILOMBO ITAPORUNDA (SP) - Nathan Pereira Dourado

Ribeira é uma das maiores produtoras nacionais de banana e utiliza agrotóxicos e adubos químicos, porém, ainda existem comunidades Quilombolas que mantêm a produção de banana por meio do manejo sustentável do cultivo, o uso do controle biológico e da adubação natural. A produção de bananas pelas comunidades Quilombolas acontece na comunidade de *Itaporunda* na região do Vale do Ribeira, sudoeste do Estado de São Paulo às margens do Rio Ribeira do Iguape. Vocês se lembram?

Essa é uma região cuja concentração de comunidades remanescentes dos quilombolas está entre as maiores do Brasil, sobrevivendo da agricultura de subsistência e do extrativismo com base na mão de obra familiar e terras de uso comunitário e coletivo.

Figura 2: Roteiro da trilha perceptiva proposto para a ação 3.

Resultados e discussões

Participaram da atividade 11 jovens, sendo 3 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idade entre 13 e 15 anos, cursando as três etapas finais do ensino fundamental (7º, 8º e 9º anos). Sendo frequentadores assíduos da instituição (de 3 a 5 dias por semana).

No início da ação os participantes apresentavam-se desmotivados e inibidos, provavelmente porque nem todos haviam acompanhado as duas ações anteriores e, portanto, não viam sentido no tema. Porém, a medida em que a atividade foi se desenvolvendo e os temas abordados foram se aproximando da realidade na qual estavam inseridos o interesse e a interação aumentaram, começaram a tirar dúvidas, compartilhar informações, em uma troca dialógica entre os jovens e os monitores do grupo Quimicando com a Ciência.

No processo avaliativo do presente trabalho foi avaliado se as ações contribuíram para a transformação da percepção e se eles tinham consciência dessa alteração. A partir das percepções internalizadas em cada indivíduo pode-se buscar a mudança de atitudes, que é um dos objetivos principais da EA para sociedades sustentáveis e segundo Tuan (1980), essa mudança é uma consequência possível de ser observada. Tal fato reforça que, para que a EA seja planejada, realizada e avaliada, é necessário que se implemente um mapeamento prévio da percepção ambiental que um determinado ator ou sujeito social possa ter (SCHWARZ, SEVEGNANI e ANDRÉ, 2007; MARIN, OLIVEIRA e COMAR, 2003). Conforme análise das respostas foi possível constatar que, de uma forma geral eles conseguiram relacionar o percurso percorrido na trilha com o ambiente natural e o tema abordado, ressaltando a sua importância e do contato com os elementos naturais.

Ao serem questionados se as ações contribuíram para alguma percepção diferente no seu dia-dia? Qual? obteve-se respostas como: Sim, *porque não tinha percebido a grande quantidade de bananeiras a minha volta; Isso ajuda “eu” prestar atenção nas bananas; Antes eu não sabia, agora eu sei “mais o menos”; “Para agente começar a olhar para onde tem banana, para ver se tem risco, para “nois come” banana, para ajudar no corpo.* Sendo assim, percebe-se a efetividade de instiga-los a perceberem o entorno e, o quanto foi significativo para os mesmos haja vista a primeira resposta onde o aluno diz nunca ter percebido a quantidade de bananeira à sua volta. O “isso” a qual o

segundo aluno responde pode ser entendido como a trilha perceptiva. Reforçando, assim, a importância de atividades como esta.

A percepção ambiental é etapa fundamental para se realizar qualquer atividade posterior em EA. Marin, Oliveira e Comar (2003) mostram que a percepção na busca da apreensão da realidade não pode ser apenas pelas vias racionalistas embasadas somente em características conceituais. Há que se ter a noção de que existe o risco permanente de se realizar uma apreensão simplista do fenômeno perceptivo que poderá levar o pesquisador a um entendimento reducionista dos fenômenos. Nesse sentido, a presente atividade proporcionou uma maior abertura para o novo e o desconhecido, pois muitos jovens nunca haviam reparado nas bananeiras dentro da instituição e refletido a respeito de questões socioambientais em torno do tema. Permitindo-se explorar o ambiente com maior sensibilidade e demonstrando surpresa no reconhecimento do que estava à sua volta, ou seja, da composição do ambiente naquele momento.

E dentro da perspectiva da EAC, a qual sugere o autoconhecimento e a sensibilização na busca de desenvolvimento que considere a qualidade de vida integral, podemos entender que a trilha pode ser uma importante ferramenta para essa aquisição, haja vista que a percepção valoriza o indivíduo em seu grupo social. Sendo que a mesma se constitui também como uma atividade de EA que forneceu subsídios para o estudo do comportamento humano, permitindo vislumbrar possíveis representações sociais dos sujeitos participantes (AZEVEDO, 2008; REIGOTA, 2007). Contribuindo, a partir da compreensão das reações de cada um, pensar em atividades mais proveitosas, que tenham como objetivos a ampliação da sensibilização ambiental e da percepção por meio dos sentidos e da reflexão crítica.

Considerações Finais

Ao analisar as respostas dadas pelos alunos ao serem questionados sobre a importância de ações como esta, verificou-se por meio do conjunto de percepções do real e do imaginário dos jovens, quais as deficiências a serem sanadas em trabalhos futuros de modo a facilitar a seleção de estratégias adequadas para a implementação da EAC no contexto escolhido.

Por fim, se a mudança que se espera do mundo ou para o mundo, começa com a interiorização do papel transformador que cada integrante do mesmo possui e, por falta de conhecimento deste papel ou por nunca antes ter refletido sobre o mesmo, foi importante proporcionar momentos de reflexão sobre a percepção do entorno para esses jovens, haja vista os problemas socioambientais vividos, e de assuntos presentes no cotidiano dos mesmos nunca antes refletidos, propiciando o entendimento que há possibilidade de mudança, desde que haja a sensibilização da comunidade do entorno.

Agradecimento

À parceria, confiança e apoio da ONG Espaço Cultural Beija-Flor para que realizássemos o presente projeto.

Referências

EL ANDALOUSSI, K.E. Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior: **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**.

PEDRINI, Alexandre; COSTA, Érika Andrade; Ghilardi, Nathalia. **Percepção Ambiental de Crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental**

OLIVEIRA, Kleber Andolfato; CORONA, Hieda maria pagliosa. **A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais**. Brasil, revista científica – Ano I , n.1, p. 52-72, 2008.

MELAZO, Guilherme Coelho. **Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano**. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005 - Olhares & Trilhas

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental**. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. Moura (Orgs.). *Educação Ambiental*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.17-44.

MARIN, A.; OLIVEIRA, L.C. **A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande, RS: v.15, p.196-210, jul./dez. 2005.